



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

**O SECULO**

DE SANTA  
RITA



Desenhos de A. CASTAÑÉ

(CONTINUADO DO NUMERO ANTERIOR)

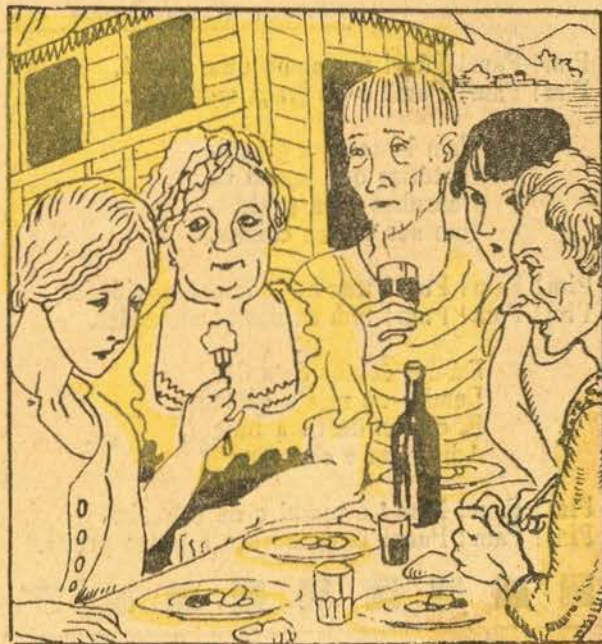


OM boa disposição de «Trinca-Pão» contrastava a atitude de Rosa que, sempre com a imagem do filho no pensamento, mal provava a comida.

— «Além, no ferreiro, damos hoje espectáculo; — disse o velho saltimbanco, entre uma garfada de bacalhau com batatas e uma golada de vinho, voltando-se para Rosa. — sabes alguma moda, alguma cançoneta?...»

— «Sei, — (respondeu Rosa com angustiada expressão) — mas hoje não tenho disposição para isso; amanhã ou depois...»

«Espirra», como mais vulgarmente o tratavam, e «Larica» condoidos ante o estado de abatimento de Rosa, disseram quasi ao mesmo tempo: — «lá de vêr, 'lá de vêr!...» E «Espirra» acrescentou, piedosamente, — «Há que ensaiar primeiro. Cantarás ao som do clarinete e do bumbo.



Chegou, finalmente, a hora da função. Já «Larica» e «Espirra» haviam percorrido toda a vila, atroando os ares, com a toada monótona do bumbo: — *rataplan-plan-plan... rataplan-plan-plan...* e os desafinados sons do clarinete;

(Continua na página 4)

# Pim Pam Pum

Ronda infantil

♩ Voz

para acabar

Coda

## PIM-PAM-PUM

Letra e musica de ALEXANDRE SETTAS

Pim! Pam! Pum! é o nome dum jornal,  
Pim! Pam! Pum! é de graça magistral.

Tem bonecos a granel,  
Histórias que fazem rir,  
Desenhos para pastel  
Que nós vamos colorir.

Pim! Pam! Pum! traz-nos sempre novidades;  
Pim! Pam! Pum! tem as nossas amizades.

Dá-nos contos de valor,  
Lendas de reis e de fadas  
E, cheias de bom humor,  
Adivinhas e charadas.

Pim! Pam! Pum! é moral e de conceito.  
Pim! Pam! Pum! bem merece o nosso preto.

E quando a gente crescer,  
Com certeza não olvida,  
Que teve vivo prazer  
Na sua leitura qu'rida.

Pim! Pam! Pum! é revista da infância;  
Pim! Pam! Pum! tem p'ra nós grande importância.

Emquanto a gente se enleva  
Nesta fôlha tão amena,  
Nunca a leitura nos ceva,  
E sempre a achamos pequena.

Pim! Pam! Pum! nunca ha-de terminar,  
Pim! Pam! Pum! tem amigos verdadeiros,  
Pim! Pam! Pum! é jornal p'ra educar,  
Pim! Pam! Pum! o melhor entre os primeiros.  
Pim! Pam! Pum!

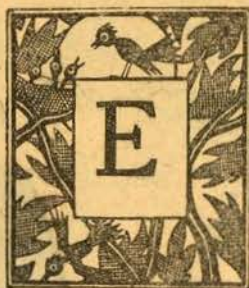
F I M



# CUSTOSO LEGADO

Por JOSÉ A. VALE

Desenhos de A. CASTANÉ



M frente da casa onde eu estudava, tôdas as noites, bruxuleava numas águas-furtadas, uma pequena luz de azeite, porque outra qualquer luz forte já não podia ser suportada pelos olhos doentes de quem passava o tempo fazendo cálculos, e fazendo, ao mesmo tempo, compara-

ções de desenhos esboçados.

Este vizinho que, tão afincadamente, assim trabalhava, era um velho operário que, pelo estudo e pela sua inteligência, fôra elevado à categoria de Mestre duma secção de oficinas. Nêste lugar gastara êle a maior parte da sua existência envolvido, sempre, num trabalho honrado e cheio de abnegação.

Agora, com o fruto das suas economias, vivia, sem vergonha do mundo, naquele modesto compartimento, preocupado, continuamente, em deixar uma Obra que servisse de herança para o seu único filho.

Tanto estudou, tanto cogitou, na sua idade já avançada, que o médico vizinho do primeiro andar, disse-lhe um dia:

— «Oh, meu amigo: — Você com a inflamação que tem nos olhos, se assim continuar nêste estudo, tão aturado e sem dormir, ficará, definitivamente, sem vista!...»

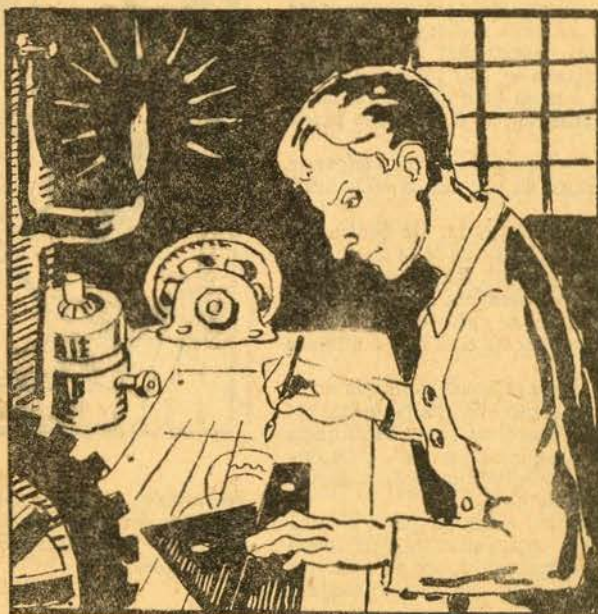
— «E quanto tempo durará ela ainda, sr. Doutor? — inquiriu o velho operário.»

— «Poucos meses.»

— «Vou, então, acautelar-me, sr. Doutor.» — E, para com os seus botões, disse: — «Bem!... E o tempo, mais do que suficiente, para acabar a minha Obra.»

Se eu ficar sem a luz dos meus olhos, deixo, como recompensa, um segundo filho que não me deixará esquecido e que servirá de amparo ao meu filho carnal e a minha mulher.

Passaram-se dias e o nosso conhecido operário sentiu que a vista lhe ia faltando de tódo. Mas, no seu íntimo, transbordava a alegria de vêr a sua obra concluída.



Um hábil engenheiro que observara aquele belo trabalho, o qual consistia no aperfeiçoamento dum maquinismo de locomotiva, muito prático, fez-lhe uma proposta de compra.

Um outro engenheiro, mecânico, estrangeiro, que também observara o estudo, fez-lhe, em seguida, a proposta de compra por uma quantia que era bem mais do que o dobro, o triplo, e até o quádruplo que a importância

oferecida pelo engenheiro do seu País, mas com a condição de não poder fazer o registo do seu Invento. Em face disto, o operário pôs-se, então, a cogitar: — «Eu já não tenho vista para pôr em prática o meu estudo. Por isso, tenho de vendê-lo. Mas... vendê-lo a quem?»

«O engenheiro estrangeiro compensa muito

(Continua na página 6)

(Continuação da página 1)

já «Trinca-Páu» acendia os candieiros de acetilene, ao mesmo tempo que Micas ia estendendo o velho tapete e enquanto grande mole da gente se comprimia em redor.

De novo o som do clarinete e o rufar do tambor enchiam o espaço, mais angustiando Rosa que, dentro da barraca, olhando a multidão e sentindo participar já do grotesco rancho, quasi se irritava ao ver a sua dor tão cruelmente profanada pelo estranho aranzel. De súbito, o seu coração palpitou bruscamente, ao notar, por entre a chusma dos assistentes, três mulheres do povo — (uma aqui, outra ali e outra mais além) — sobraçando, ao regaço, cada qual, a sua criancinha tal o seu pequenino, o seu menino perdido.

— «Salvez... Podia ser... Quem sabe?!...» foram as três exclamações que logo ao seu cérebro acudiram. Como impulsionada por uma mola, saiu da barraca, misturou-se com o povo e foi direita a elles, cheia de viva emoção. Mas não, ai não; nenhuma das crianças era o seu pequenino, o seu filhinho adotado!

Teve, então, uma idéa que pôs no cómico espectáculo, uma nota imprevisada de expectativa dramática. Precisamente no instante em que «Trinca-Páu» anunciava que ia dar-se o início da função, Rosa surgiu na pista, exclamando com dolorosa aniedade:

— «Respeitável público: — Uma pobre mãe que esta manhã, deixando o seu menino de quatro meses, à beira do riacho da Várzea, foi levada na corrente do rio e salva por «Trinca-Páu» e que, tendo voltado em sua busca, já o não encontrou, pede à pessoa que, tendo-o achado ou saiba do seu paradeiro, levante um braço».

Relanceando a vista por toda a multidão, verificou, com profundo desânimo, que nenhum braço se erguera. E uma maré cheia de lágrimas afluíu aos seus olhos.

«Trinca-Páu» dialogava, agora, com Micas que, com voz avinhada, voz roufenha, declamava o seu cómico papel, ensaiado na véspera, com seus apópsitos grotescos, irónicos, acanalhados, fazendo a multidão, por vezes, gargalhar. E ora o urso e o macaquinho, na improvisada pista, dançavam, ao som de um pandeiro, que «Larica» agitava em atitude frenética, ora «Trinca-Páu» e «Espirra-canivetes» com «Larica» ao alto, sobre os ombros deste, exibiam seus arrojados números de acrobacia e equilíbrio. E já, ao estrepitar das palmas, Rosa Gião, entre os espectadores, estendia a bandeijinha de folha, recolhendo os voluntários óbulos.

Findo o popular espectáculo, enquanto no céu a lua, alva como a cara caçada dum palhaço, dir-se-ia presenciar o curioso efeito do dispersar do povo, qual desmanchar da feira, Rosa Gião, profundamente abatida, deixava-se cair sobre um banco de pinho, apoiando os cotovelos à mesa num desespero inconsciente, e evocando as feições mimosas do seu menino perdido... para sempre talvez!

«Micas», «Larica», «Espirra» e «Trinca-Páu» ora apagavam as luzes, ora iam arrecadando, dentro da barraca, o velho arsenal da sua arte modesta.

Eram já, quasi, duas horas da madrugada. Os quatro saltimbancos entraram, então, para a barraca onde se anicharam como sardinha em lata ou ovelhas num redil. Rosa preferiu ficar fora, ao relento, pelo que «Micas» lhe estendera sobre a relva o tapete dobrado em quatro partes, havendo então exclamado: — «Fôfa cama te dou! Só te faltam lençois mas isso é que nós nunca usámos!»

Rosa Gião sorria agradecida, ingenuamente confiada no ar solícito com que ela lhe falava, mal sonhando que tal solícitude provinha, apenas, do interesse em conservar junto d'elles quem ainda possuía consigo tresentos e cinquenta escudos, além dos quatrocentos que já lá cantavam na própria expressão com que «Trinca-Páu» lhe confiara a gratíssima nova.

Ansiosa por que rompesse a manhã, a fim de que a bizarra caravana pudesse partir e ela, assim, conseguisse indagar do paradeiro do seu filhinho querido, pesquisando sempre, de lar em lar, de porta em porta, em que colo, mal conseguiu dormir.

Com o raiar da Aurora, qual sorriso infantil, virginal, inocente, — (rosada infância do Dia) — Rosa Gião mais sentia avivarem-se as saudades, as infinitas saudades do seu menino perdido.

As oito da manhã, viu, finalmente, surgir à porta da barraca «Trinca-Páu» que exclamava:

— «Micas, Larica, Espirra, toca a marchar, aia que se faz tarde!...»

Dez minutos depois, ao sol quentinho duma manhã radiosa,



...verificou, com profundo desânimo, que nenhum braço se...

atravessava a caravana os verdes campos de onde, aqui e além, papoilas, giestas e estrelas do meio-dia irrompiam, brotavam perfumadas, vivazes, rubras, incandescentes.

Entanto...

Em casa do feitor Miguel, na grande quinta do Arco, entre a curiosidade de D. Ana, Jorginho e Fina que em alvoroço infantil soltavam mil exclamações, Bernarda, levemente debruçada sobre uma pequena tina que a senhora condessa lhe emprestara, procedia à lavagem do filhinho adoptivo, como lhe chamava, enquanto, a seu lado, se ostentava um enxoval completo, oferta da avó de Jorginho e Fina e que em tempos, bem recentes ainda, fôra usado por estes.

À tarde em casa da senhora Condessa, esta, com elle ao colo, presa do seu encanto, combinava com frei Bento o dia do baptizado do pobrezinho exposto, acrescentando que seria a madrinha e que, em homenagem à memória de seu marido, António de Olivete, o pequeano receberia — (curiosa coincidência!) — o mesmo nome.

«Toninho», como já lhe chamavam, sorria inconscientemente a todas as carícias, como se já desse pelo nome, o mesmo nome que a mãe, pobre mãezinha, sua mãe verdadeira, tanta vez exclamara com extático enlevo. E, três dias depois, na própria capela do solar, procedia-se, festivamente, à íntima cerimónia baptismal.

«Toninho» parecia outro! Luxuosamente vestido, no mesmo carrinho de molas que servira a Jorginho e a Fina, passava os dias à porta da casinha asseada e poética de Bernarda ou no parque, junto ao solar, dormindo tranqüilamente, com as perninhas

ao sol, qual borrarheiro gatinho. Engordava consideravelmente. Pesava mais um quilo. Uma ligeira nuvem, apenas, ensombrouva. por vezes, a grande alegria que inundavam a extremosa madrinha e, principalmente, Bernarda, que já tanto lhe queria: — a idéa de que, de um momento para o outro, pudesse surgir a mãe que, possivelmente arrependida de o haver exposto, o viesse reclamar. Mas não; tal hipótese era logo afastada, pois já haviam decorrido quatro dias sem que pessoa alguma surgisse a reclamar os seus direitos sobre elle.

Passaram mais quinze dias e, felizmente para Bernarda, sem novas nem mandados ao seu filhinho adoptivo.

Cada vez mais distante da grande quinta do Arco, já a mais de seis léguas, seguia de novo a caravana dos cómicos, de cuja companhia ainda fazia parte a pobre Rosa Gião. Com mais razão se diria participar agora, pois ao som do clarinete de «Espirra» exhibia, em público, com enorme sucesso, números de canto, a que o timbre maravilhoso da sua voz dava um estranho realce. Chegados a uma vila mais importante, de novo, em plena praia agora, acampava a caravana.

De novo «Larica» e «Espirra» percorriam a povoação anunciando, com a toada monótona do bumbo e os desafinados sons do clarinete, o espectáculo nocturno.

De novo a grande mole da gente accorria à praia cercado os saltimbancos. De novo, antes de principiar o espectáculo, Rosa Gião lançava a habitual interrogação dolorosa: — «Respeitável público, uma pobre mãe que perdeu seu menino pede à pessoa que o tenha encontrado ou saiba do seu paradeiro que levante um braço».

De novo o desânimo sucedia à sua expectativa anclosa. E, mais sentidamente ainda, principiava, então, cantando ao som do clarinete, com aquela apurada emoção dum rouxinol, ao qual, para melhor cantar houvessem tirado a vista.

Ora, entre os espectadores, encontrava-se um homem que, enlevado, escutava a extraordinária harmonia que se soltava, enchendo o nocturno espaço, da maravilhosa entoação de Rosa. Um homem de bom aspecto, portador dum riquíssimo alfinete de gravata e valiosos aneis, chapéu mole, cinzento, fato preto, luvas também cinzentas, bengala de castão de ouro, rosto franco, de suíças grisalhas e óculos de tartaruga, que se distinguia da multidão pelo acalorado entusiasmo com que aplaudia Rosa.

Ao terminar o espectáculo, «Trinca-Páu» com grande surpresa de Micas que se encontrava casualmente a seu lado, notou que elle se encaminhara para Rosa Gião a qual, à porta da barraca, se sentara com o seu habitual aspecto de sofrimento moral.

Súbitamente desperta da sua atonia, do seu alheamento, voltou-se para o desconhecido que, delicadamente, se lhe dirigia em termos a que não estava habituada:

— «Minha senhora, dá-me licença que a felicite pelo dom maravilhoso da sua voz de soprano?! Pela sua declaração de há pouco, sei que sofreu o grande desgosto da perda dum filhinho querido. Proponho-me auxiliá-la a descobrir o seu paradeiro. Sou empresário dum grande teatro de ópera em Madrid; e castelhano, por nascimento, embora, como vê, conheça perfeitamente o vosso idioma em virtude de ser filho de pai espanhol e mãe portuguesa».

Desejava contractá-la para a companhia que dirijo no «Real Teatro de Madrid»; disponho-me a educar-lhe a voz previamente, custeando do meu bolso todas as despesas. Quere assinar um contracto que será para si bastante vantajoso? Dar-lhe-hei seis mil pesetas por mês, ou sejam, aproximadamente, quinze contos?»

Perante tal proposta Rosa ficou aturdida. Pareceu-lhe um sonho o que se estava passando. Não era, porém, a ideia interesseira o que mais a impressionava mas sim o imprevisado auxilio para a descoberta do filho. Com um espontâneo sorriso, voltou de novo os olhos para o seu amável interlocutor e perguntou-lhe como se chamava.

— «D. Pedro Moyano...» respondeu elle, sacando da carteira, onde se ostentava um lindo monograma em ouro, um cartão de visita, e acrescentando: — «Tem aqui a minha morada. Resido além daquele «chalet» (e indicava com um dedo um belo palacete, onde o luar contornava a silhueta dum alto torreão, até ao fim deste mês. Parto depois para Madrid onde espero poder ter o prazer de conviver consigo».

(Continua no proximo numero)

**CUSTOSO LEGADO** (Continuado da página 3)

mais o meu esforço, — é bem certo; e o Invento, da mesma sorte, beneficiará a Humanidade».

«O meu filho e a minha mulher viverão, de futuro, mais desafogados, no caso de eu faltar».

«Isso é bem certo. Mas o que também é certo é que o nome do meu País será apagado, passando a figurar um outro com mais uma estréla brilhante na história dos Grandes Inventos.

«Ora a luz das estrélas que é tão bela, não deve ser ofuscada pelas fumaradas dum sórdido metal!... Venderei, pois, o Invento ao engenheiro do meu País».

«Acima de tudo está o meu nome e o da minha Pátria, onde bebi, pela primeira vez, a água das suas fontes; onde contemplei a verdura das suas florestas e campinas, festejadas com os gor-



POR

AUGUSTO DE SANTA RITA

Desenho de A. CASTAÑÉ



geios das aves; e onde vi, pela primeira vez, os raios do Sol fagueiro, que me sorriram ao colo de minha mãe, e que me acariciaram nos meus brinquedos de criança».

E, dizendo isto, junto à sua mesa de trabalho, poisou a cabeça sôbre as mãos e deixou-se adormecer.

**T**udo em festa!... Grandes festas... Foguetes... música... palmas!...  
.....  
Em alvoroço, mil almas andam loucas, correm lestas!

Impassível, no meu quarto, delas farto, raro parto, raro corro ao chamamento; que cegueira a de quem vai!...

Não me cega, não me atrai seu fugaz deslumbramento de que bem raro partilho!

.....  
As minhas festas são estas... festas que eu faço ao meu filho!

F I M

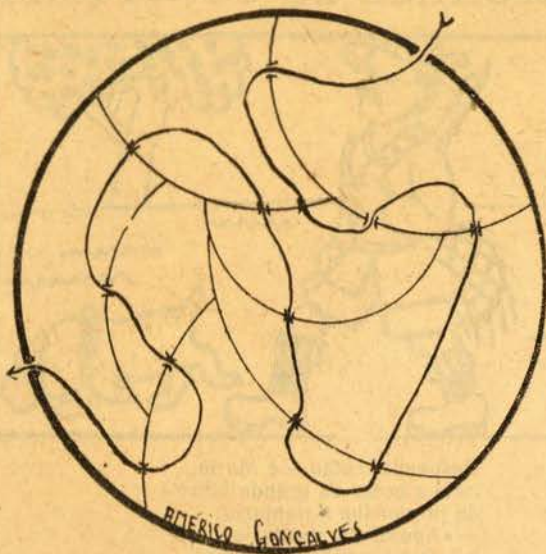
F I M

**ENIGMA PITORESCO**



# HORA DE RECREIO

Solução do problema anterior



ADIVINHA



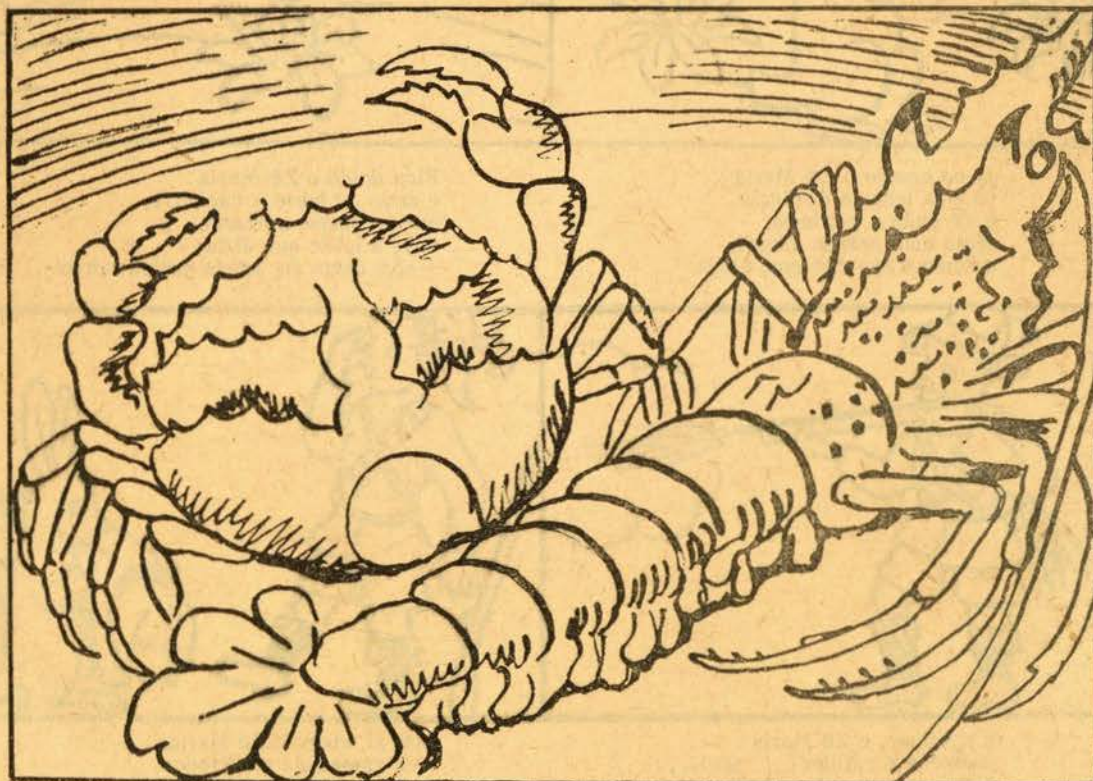
Solução dos enigmas anteriores

Já Bocage não sou!... A' cova escura,  
Meu estro vai parar, desfeito em vento!  
Eu aos céus ultrajei! O meu tormento  
Leve me torne sempre a terra dura.

- 1.º — A quem tem muito dão-lhe mais.
- 2.º — A candeia morta, gaita à porta.
- 3.º — Em casa de Gonçalo mais pode a galinha que o galo.

Meus meninos:  
Um gato guloso, aguarda, escondido, o momento propício para comer este ratinho. Vejam se o descobrem.

PARA OS MENINOS COLORIREM



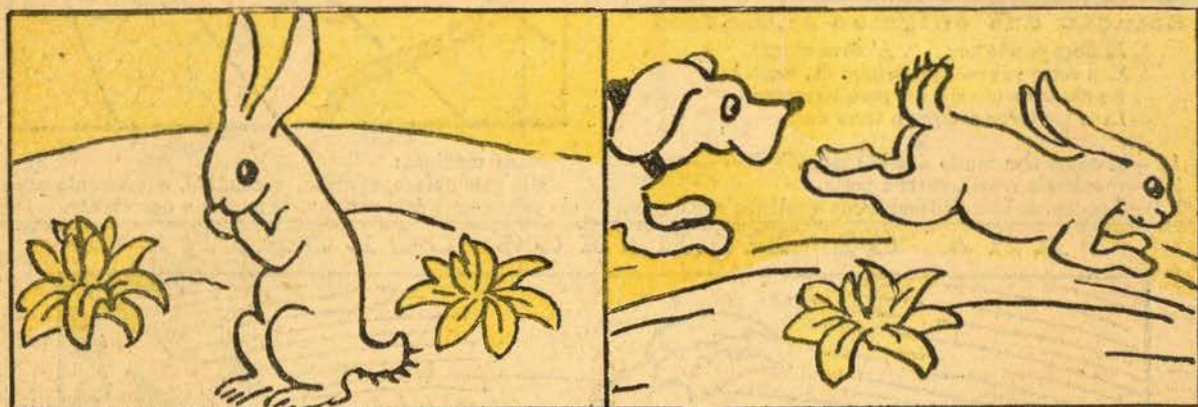
# Zé Maria — caçador

Versos de A. de S. R. Desenhos de CASTAÑE



A mulher do Zé Maria,  
ao notar que êle se apoda  
caçador com pontaria,  
diz-lhe com certa ironia:  
— «Não mates a caca toda!»

Responde, então, Zé Maria,  
todo a arder na grande febre  
de provar-lhe a pontaria:  
— «Apesar-da zombaria,  
hei-de trazer-te uma lebre!»



Já no campo o Zé Maria  
vê uma lebre a distância  
e, fazendo a pontaria,  
sente uma grande alegria  
e açula o seu cão com ância.

Fica doído o Zé Maria  
e atrás da lebre o cachorro,  
numa enorme correria,  
ouve a lebre que dizia:  
— «Ai, quem me acode que eu morro!»



Entretanto, o Zé Maria  
desfecha o gatilho e... zás!...  
brada com grande alegria:  
— «Não errei a pontaria,  
já o cachorrinho a traz!»

Mas aí, nisto, o Zé Maria,  
com anciedade mais louca,  
dá de cara — (quem diria!) —  
com a lebre que trazia  
o cachorrinho na bôca.